



VERMES, Geza. **Ressurreição: história e mito**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013. 191p. ISBN: 978-85-01-08333-3

Willibaldo Ruppenthal Neto*

Geza Vermes foi certamente um dos grandes estudiosos de Jesus dos últimos tempos. Nascido a 22 de junho de 1924 em Mako, na Hungria, dedicou sua vida ao estudo do judaísmo, até sua morte em Oxford, no dia 8 de maio de 2013. Sua família, de origem judaica, se converteu ao cristianismo a fim de evitar perseguições e ter aceitação social. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi cuidado por religiosos cristãos em um seminário católico, onde ficou escondido e aprendeu teologia, tornando-se padre após a guerra. Seus estudos se deram na Hungria e na Bélgica, onde escreveu sua tese de doutorado sobre os Manuscritos do Mar Morto. Em 1957, Geza se converteu ao judaísmo, abandonando o catolicismo. Nesse mesmo ano, também se mudou para a Inglaterra, onde foi professor, primeiramente na Universidade de Newcastle e, por fim, na Universidade de Oxford, tornando-se o primeiro professor de estudos judaicos desta universidade. Apesar de se aposentar em 1991, continuou ensinando em Oxford até sua morte em 2013.

A proposta de Geza Vermes é inovadora nos estudos de Jesus, sendo um dos principais componentes da terceira leva de estudos da busca do Jesus histórico, que visou a destacar as origens judaicas de Jesus, a chamada “Terceira Busca”¹. Sua ideia principal é a de perceber-se Jesus não enquanto o Jesus Cristo da fé, mas “Jesus, o judeu”², alguém que deve ser compreendido como um homem santo dentro do judaísmo, cujas propostas se davam em torno desta religião, e não no sentido da criação de uma nova religião. Para tal fim, Vermes acredita ser possível separar-se o autêntico evangelho de Jesus das adições e edições dos cristãos posteriores nos Evangelhos³. O método utilizado por Vermes a fim de apresentar Jesus nesta nova (com pretensão de original) perspectiva, gira em torno da relação de Jesus com o

* Graduando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e graduando em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

¹ No inglês Third Quest, é o termo cunhado por N. T. Wright a respeito da nova tendência de se perceber Jesus a partir do judaísmo. Ao lado de Geza Vermes, os principais nomes desta terceira busca do Jesus histórico são: E. P. Sanders, Gerd Theissen, John Dominic Crossan e John P. Meier.

² Cf. VERMES, Geza. *Jesus, the Jew: a historian's reading of the Gospels*. Minneapolis: Fortress Press, 1973; *Idem*. *A religião de Jesus, o judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

³ Cf. *Idem*. *O autêntico evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.



contexto judaico de seu tempo⁴. Este autor se considera “historiador”, contrastando não apenas suas perspectivas, como propriamente sua metodologia, com outros pesquisadores da vida de Jesus. Poucos estudiosos vieram a conhecer o judaísmo dos tempos de Jesus tão bem quanto Geza Vermes. Além de estudar a tradição judaica, Vermes foi um dos primeiros e principais estudiosos dos Manuscritos do Mar Morto, tendo inclusive traduzido os manuscritos para o inglês⁵.

O livro *Ressurreição: história e mito*, aqui resenhado, foi originalmente publicado como *The Resurrection: History and Myth*, em 2008⁶, sendo sua tradução para o português, de Renato Aguiar, publicada no ano de 2013 pela Editora Record. Escrito quando Vermes estava já em idade avançada, é o resultado de uma vida de pesquisas, fazendo parte de uma trilogia escrita por Vermes em sua maturidade intelectual: *A Paixão*⁷, *Natividade*⁸ e *Ressurreição*, são os três livros nos quais Geza Vermes busca apresentar os principais momentos da vida de Jesus (nascimento, morte e ressurreição), à luz do contexto judaico daquele tempo. Essas três obras foram inclusive compiladas em um único volume intitulado *Jesus*⁹.

Logo no Prefácio, Vermes destaca sua metodologia diferenciada. Diferente de obras que partem de pressupostos ou de “extremos”, seja pela fé, tal como a monumental obra de N. T. Wright¹⁰, seja pela descrença, tal como o estudo de Robert M. Price com Jeffrey Jay Lowder¹¹, sua obra se coloca como de historiador e investigador, buscando a verdade para além das interpretações posteriores. Sua metodologia relaciona-se também com seu propósito. Também no Prefácio, Vermes indica o propósito do livro:

O propósito deste volume é esclarecer o verdadeiro significado transmitido pelos evangelistas, por Paulo e outros autores das escrituras cristãs, e iluminá-lo com o que sabemos através do Velho Testamento, de toda a literatura judaica e greco-romana pertinente e de fontes arqueológicas. (p. 10).

⁴ Cf. *Idem*. Jesus e o mundo do judaísmo. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

⁵ *Idem*. The Dead Sea Scrolls in english. Translated by Geza Vermes. London: Penguin Books, 1962.

⁶ *Idem*. The Resurrection: History and Myth. New York: Doubleday, 2008.

⁷ *Idem*. A paixão. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. A versão original em inglês data de 2005.

⁸ *Idem*. Natividade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. A versão original em inglês data de 2006.

⁹ *Idem*. Jesus: Nativity – Passion – Resurrection. London: Penguin Books, 2010.

¹⁰ WRIGHT, N. T. *A ressurreição do filho de Deus*. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2013.

¹¹ PRICE, Robert M.; LOWDER, Jeffrey Jay. *The Empty Tomb: Jesus beyond grave*. Amherst, NY: Prometheus Books, 2005.



A ideia presente em *Ressurreição* é a de que a compreensão dos textos neotestamentários deve se dar não pelas interpretações posteriores da igreja, mas pelo contexto fornecido pelo Antigo Testamento e pelo judaísmo da época, possível de ser apresentado mediante a arqueologia e os textos do período. O livro divide-se justamente em duas partes: a primeira sendo a apresentação da ideia de ressurreição no contexto de Jesus, e a segunda sendo a apresentação da ideia de ressurreição nos textos do Novo Testamento, interpretados à luz do que é apresentado no primeiro capítulo.

A ressurreição, tal como aponta Vermes, “é, definitivamente, uma ideia judaica” (p. 14), sendo necessário partirmos do judaísmo para a compreensão do seu sentido original. No Antigo Testamento, a ressurreição somente aparece tardiamente, após um longo processo de desenvolvimento teológico. Aparecendo primeiramente “como metáfora, simbolizando o renascimento de uma nação” (p. 14), a ideia passa a se estabelecer com mais força no judaísmo posterior. Mesmo assim, porém, ainda no tempo de Jesus, a ressurreição não era nem mesmo a perspectiva de vida após a morte da maioria do judaísmo, uma vez que era uma esperança dos fariseus, que representavam parcela pequena da população judaica. Mediante fontes arqueológicas, Vermes mostra que a ressurreição não era somente uma ideia rara, mesmo contestada por muitos, de forma que uma inscrição funerária antiga lembra aos vivos que “Nenhum ser humano se levanta [do túmulo]; nem Eleazar ou Safira” (p. 72).

Para identificar a perspectiva judaica da ressurreição, Geza Vermes faz uma explanação sobre a perspectiva de morte e vida após a morte no Antigo Testamento, apresentando a progressiva esperança em uma realidade positiva após a morte. Apesar de existirem antecedentes bíblicos de ressurreição, nos milagres realizados por Elias e Eliseu, escapar da morte não era possível, senão para poucos escolhidos como Enoque e Elias, uma vez que as ressurreições não eram mais do que vivificações, adiamentos da morte. Somente no judaísmo do Segundo Templo, com o questionamento decorrente da profanação e perseguição realizadas por Antíoco IV Epifanes, é que a ressurreição aparece como esperança. É com a ressurreição como perspectiva que o martírio aparece no livro de Daniel e ainda mais forte em 2 Macabeus. É nesse contexto de crise, em que a justiça divina em vida não faz mais sentido, que a religião judaica é reformulada e redirecionada para um futuro escatológico, após e para além da morte.



Na segunda parte do livro, Vermes volta seus olhares para os textos do Novo Testamento e logo aponta o problema: são raras as referências nos Evangelhos à ressurreição (oito versos em Marcos, vinte em Mateus, 53 em Lucas e 56 em João), apesar da importância dada a ela pela religião cristã. Nos Sinópticos, lembra Vermes, há apenas um texto que trabalha extensivamente sobre a ressurreição: o episódio da interrogação dos saduceus a respeito da ressurreição (Mt 22.23; Mc 12.18-25; Lc 20.27-36). Apesar de lembrar que “os comentadores mais críticos supõem corretamente que o conflito seja inautêntico” (p. 86), sendo uma história criada *a posteriori* a fim de atender às questões de importância da Igreja primitiva, Vermes afirma que “não há razão para duvidar de que as ideias aqui expressas correspondam ao pensamento escatológico de Jesus” (p. 86). Esse texto traz consigo a ideia de uma ressurreição para uma vida incorpórea, ideia bastante presente naquele contexto, conforme se percebe no conceito de “vida eterna”, sendo que se referia à “imortalidade” (p. 93).

Analisando a presença da ideia de ressurreição ao longo do Novo Testamento em suas várias partes separadamente – nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos, em São Paulo, e nos demais livros – Geza Vermes estabelece uma proposta de significado do conceito de ressurreição no Novo Testamento. Diferente da tendência geral de se colocar a ressurreição como elemento central na cristologia dos primeiros cristãos, Vermes defende que se tratava, na verdade, de apenas um elemento inicial da exaltação de Jesus, este sim de fundamental importância. Ou seja, “o apogeu do Cristo triunfante não é a sua ressurreição dentre os mortos, mas a sua exaltação celestial seguida pelo envio do Espírito Santo” (p. 162).

E quanto ao “fato” da ressurreição de Jesus Cristo? Como historiador, Vermes busca apresentar, no final de seu livro, a possibilidade de explicação da ressurreição a partir das seis principais teorias sobre a questão. Termina, porém, de forma bastante crítica e desiludida: “De modo geral, nenhuma das seis teorias suporta um escrutínio rigoroso. Significa isso que o conceito tradicional de ressurreição, i.e., a revivificação miraculosa nalguma figura ou forma do corpo morto de Jesus, está fadado ao fracasso no mundo racional de hoje?” Essa pergunta, porém, apesar da natural expectativa de uma resposta por parte do leitor, é seguida por uma outra pergunta, que conclui o livro: “Ou há outra saída desse enigma que possa oferecer uma explicação, senão para a ressurreição física de Jesus, pelo menos para o nascimento e a



sobrevivência do cristianismo?” Este é o fim do livro de Geza Vermes. É claro que segue a isto um epílogo, as notas e as referências bibliográficas, porém é essa pergunta que conclui sua obra. Seu livro, portanto, deixa claro em seu final que não é uma proposta de solução, senão a apresentação de um problema, a abertura de uma questão que há muito tempo tenta estar fechada e selada. Cabe aos teólogos decidir se encararão o problema e a pergunta deixada por Vermes ou se recuarão diante da reflexão sobre o questionamento a respeito da ressurreição, que é há muito tempo o alicerce do cristianismo.